

Corte na "prime-rate" favorece bônus federais

por Anatole Kaletsky e
Stewart Fleming
do Financial Times

Os bancos norte-americanos reduziram ontem sua taxa preferencial de juros (prime-rate) de 8,75% para 8,50%, depois que o Departamento do Comércio publicou estatísticas que mostraram uma modesta deterioração nas perspectivas para o crescimento econômico nos Estados Unidos.

O corte da "prime-rate", a primeira redução desde princípios de novembro nesta taxa básica, que age como um ponto de referência para os empréstimos bancários a clientes preferenciais (grandes empresas), foi recebido sem surpresa depois dos acentuados declínios das taxas de juro do mercado desde meados de janeiro.

Contudo, o corte propiciou um forte avanço no mercado de bônus dos Estados Unidos, onde o bônus de referência do Tesouro, de 30 anos, aumentou 1,5 ponto no início do pregão da tarde. A poderosa recuperação do mercado de bônus, que começou com a estabilização do dólar no início de janeiro, levou agora as taxas de juro dos títulos de longo prazo do Tesouro a caírem para 8,30%, seu nível mais baixo desde abril do ano passado.

Entretanto, mais do que na redução das "prime-rate", o mercado de bônus parece ter encontrado seu incentivo no declínio de 2% do Índice de Principais Indicadores, e na acentuada queda das vendas de casas individuais para famílias que o Departamento do Comércio anunciou pela manhã.

A queda do Índice de Principais Indicadores pelo terceiro mês consecutivo, provocou o receio de que a economia norte-americana poderá enfrentar uma séria desaceleração em 1988.

As vendas de casas individuais para famílias tiveram uma queda de 6,2% em dezembro, depois de um declínio de 2,4% em novembro e estão agora cerca de 21% abaixo dos níveis registrados há um ano. Este declínio é também considerado como uma prova da debilidade econômica acumulada.

No passado, uma recessão norte-americana era invariavelmente precedida por pelo menos três declínios consecutivos no Índice dos Principais Indicadores. Mas, em quatro

ocasiões, o Índice caiu por três meses seguidos sem ser acompanhado por uma recessão: a última vez que isso aconteceu foi de junho a agosto de 1984.

Os três declínios mensais no Índice no final do ano passado foram todos eles muito leves e, em outubro e novembro, fortemente influenciados pelo colapso dos preços das ações em Wall Street. Além disso, outras medidas econômicas, inclusive um aumento de pouco mais de 4,0% do Produto Nacional Bruto real no segundo semestre do ano passado, foram bastante fortes e a maioria dos economistas continua duvidando da iminência de uma recessão.

A queda do Índice dos Principais Indicadores provavelmente será citada como uma prova para suportar os economistas, segundo os quais o Federal Reserve Board deverá abrandar a política monetária e incentivar a queda das taxas de juro a curto prazo para tentar compensar a prevista debilidade da economia.

Beryl Sprinker, "chairman" do Conselho de Assessores Econômicos do presidente Ronald Reagan, sugeriu que é favorável a esta medida.

Parece, no entanto, que ainda existem divisões no Fed em relação à conveniência de um abrandamento da política monetária num momento em que não existem provas evidentes de que esta medida é necessária e em que ainda persiste o risco de que isso poderá provocar novos problemas para o dólar nos mercados de câmbio exterior.

Os investidores a juros fixos ficaram também satisfeitos com as notícias favoráveis sobre o resultado do primeiro dia de leilão trimestral de bônus do Tesouro, no qual segundo fontes deste mercado foi grande a participação dos japoneses.

Em contraste com os preços dos bônus, o mercado de ações reagiu a princípio de forma negativa à notícia sobre o corte da "prime rate" e os novos indicadores econômicos. O índice industrial Dow Jones caiu até 24 pontos nas primeiras horas do pregão. No início da tarde, porém, o mercado acionário criou mais coragem devido à recuperação do mercado de bônus e o Dow subiu 8 pontos, ficando em torno de 1.952 pontos por volta das 14 horas.